

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2014

# A INTOLERÂNCIA AO LONGO DO TEMPO – desafios e perspectivas na escola contemporânea.

**Autora: Rosana Mara Schmitt<sup>1</sup>**

**Orientadores: André Bueno<sup>2</sup>**

**Dulceli Tonet Estacheski**

## RESUMO

Este artigo tem como ponto de partida o projeto produzido para o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE 2014, do Estado do Paraná, tendo a intenção de identificar a intolerância religiosa no contexto da Idade Moderna até os dias atuais, investigando causas e consequências de atos de intolerância, e possibilitando a compreensão do respeito à individualidade das pessoas, nas divergências de opinião e de expressão. Neste artigo, analisamos três conceitos fundamentais para o desenvolvimento do projeto, e que foram utilizados como referenciais para discussão em sala de aula: religiosidade; intolerância religiosa; e diálogo inter-religioso. Propomos reflexões e concepções acerca da compreensão dos alunos considerando a intolerância religiosa em todos os excessos e preconceitos ao longo do tempo. Para o desenvolvimento das atividades dentro do tema da Intolerância Religiosa utilizamos como amparo pedagógico, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de História e Ensino Religioso da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, as quais exerceram papel delineador e foram ferramentas que sustentaram o cumprimento dos objetivos propostos. Como estratégia de ensino elencamos temas religiosos de cunho polêmico para estabelecer debates em sala de aula. Ao final do projeto, observou-se que houve compreensão dos conceitos trabalhados e as pesquisas, entrevistas e debates serviram como um meio de reflexão e auto - avaliação, percebendo que ainda temos um longo percurso a traçar.

**Palavras-chave** : religiosidade; intolerância; e diálogo inter-religiosos;

## Abstract

This article takes as its starting point the project produced for Educational Development Program - PDE 2014, the State of Paraná, with the intention of identifying religious intolerance in the context of the modern era to the present day, investigating causes and acts of consequences of intolerance, and enabling the understanding of respect for the individuality of the people, the differences of opinion and expression. In this article, we analyze three fundamental concepts for the development of the project, which were used as reference for discussion in the classroom: religiosity; religious intolerance; and inter-religious dialogue. We propose ideas and conceptions of the understanding of students considering the religious intolerance in all excesses and prejudices over time. For the development of activities within the Religious Intolerance theme used as a pedagogical support, the Curriculum Guidelines Basic History Education and Religious Education of the State Secretariat of Education of Paraná, which exerted liner paper and were tools that supported the achievement of objectives proposed. As a teaching strategy we selected religious themes of controversial nature to establish debates in class. At the end of the project, it was observed that there was understanding of the concepts worked and surveys, interviews and debates served as a means of reflection and self - evaluation, realizing that we still have a long way to trace.

**Keywords**: Religiosity, Intolerance; inter-religious dialogue

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Desenvolvimento Educacional – Disciplina História

<sup>2</sup> Orientadores PDE -2014/2015. André Bueno possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (2002), doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho (2005) e Pós- Doutorado em História Antiga pela UNIRIO-RJ. Dulceli Tonet Estacheski possui graduação em História pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciência e Letras de União da Vitória (2005). Especialização em História e Sociedade na mesma instituição (2007). E Mestrado em História pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é professora do curso de História da UNESPAR, campus União da Vitória – PR.

## INTRODUÇÃO

“É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias” (³CEF).

Vivemos um momento em que muito se discute o tema diversidade, seja de âmbito social, religioso, de gênero ou cultural. Essa discussão prima pelo reconhecimento dos sujeitos, os quais se diferenciam não apenas entre si, mas especificamente dentro de sua realidade. O que se busca é a valorização da cultura e das diferenças de cada um.

O caderno pedagógico de ensino religioso (2008. p.18) demonstra que a percepção acerca da amplitude da diversidade cultural/religiosa se processa de maneira mais intensa no espaço escolar. A reflexão proposta na escola, estabelece relações de respeito à diversidade, bem como repudia qualquer forma de preconceito e discriminação.

Aqui então se delimita de certa forma o papel da História, segundo Rüsen (2007)

A História ensina a partir dos inúmeros acontecimentos do passado que transmite regras gerais de agir.(p.51) [...]Vale lembrar que os processos de aprendizado histórico não ocorrem apenas no ensino de história, mas nos mais diversos e complexos conceitos da vida concreta dos aprendizes, nos quais a consciência histórica desempenha um papel. (p.91)[...]O potencial do sentido da tradição opera, nessas histórias, como transcendência das circunstâncias da vida em que, culturalmente as tradições estão inseridas.(p.150)

Conforme Rüsen retrata em sua obra Razão Histórica (2001):

[...]Diversidade e diferença opõem-se unidade e identidade, assim como formas dialogais de pensamento opõem-se às monológicas, racionalidade estética à metódica, sentido difuso a sentido intenso, razão simbólica (que se preocupa com as lacunas estruturais) à razão narcisista (que ocorre atrás de ilusões da totalidade – Lacan), feminilidade contra masculinidade, estratégias da inclusão na formação de identidades segundo princípios do reconhecimento às estratégias da inclusão na formação de identidades segundo princípios do reconhecimento às estratégias da exclusão com suas consequências discriminatórias, um relativismo culturalista a um universalismo eurocêntrico (p.167). [...]A razão promove a interação entre todos esses campos, sem dissolver um no outro. Ela media, sintetiza e amplia a coerência na diversidade. (p.174)

Para Cerri (2011):

[...] O objetivo maior é formar a capacidade de pensar historicamente e , portanto, de usar as ferramentas de que a história dispõe na vida prática, no cotidiano, desde as pequenas até as grandes ações individuais e coletivas (p.81)

---

<sup>3</sup> Artigo 5º da Constituição Federal Brasileira de 1988.

Devido ao multiculturalismo existente, devemos dar maior ênfase ao processo de universalização dos direitos como interculturais, para que isso ocorra faz-se necessário uma reflexão, uma mudança de postura frente a conceitos estabelecidos, buscando reconceitualizá-los dentro de uma nova perspectiva histórica.

Neste projeto analisamos três conceitos fundamentais: religiosidade; intolerância religiosa; e diálogo inter-religioso. Propomos reflexões e concepções acerca da compreensão dos alunos considerando a intolerância religiosa em todos os excessos e preconceitos ao longo do tempo. A proposta deste projeto de intervenção pedagógica ocorreu com alunos do 2º ano do Ensino Médio de 2015, do Colégio Estadual Neusa Domit, na cidade de União da Vitória. Para o desenvolvimento das atividades dentro do tema da Intolerância Religiosa utilizamos como amparo pedagógico, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de História e Ensino Religioso da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, as quais exerceram papel delineador e foram ferramentas que sustentaram o cumprimento dos objetivos propostos. Como estratégia de ensino elencamos temas religiosos de cunho polêmico para estabelecer debates em sala de aula.

Este projeto de estudo buscou identificar a intolerância religiosa no contexto da Idade Moderna até os dias atuais, investigando causas e consequências de atos de intolerância, possibilitando a compreensão do respeito à individualidade das pessoas, nas divergências de opinião e de expressão.

## **REVISÃO CONCEITUAL**

Hoje pleno século XXI, vivemos um pluralismo cultural, ou seja, uma heterogeneidade religiosa, étnica e racial.

A sociedade atual vivencia períodos de luta por direitos iguais e/ou pelos direitos à diferença, estes assegurados por lei mas nem sempre respeitados por todos. O multiculturalismo religioso presente nas mais diversas sociedades, nos remete as concepções acerca da dignidade humana. Para compreender a situação em que vivemos, faz-se necessário alguns questionamentos: O que é religiosidade? O que é tolerância? O que é diálogo religioso?

### **O que é religiosidade?**

Entende-se por religiosidade, como qualidade de quem é religioso; o que pratica alguma religião e/ou culto; que possui uma vinculação com Deus, subordinando-se à sua vontade. A palavra religião vem de *religio*, termo latino que originalmente se referia a qualquer conjunto de regras e interdições. Portanto, é uma categoria de análise histórica e social que pode ser definida como um conjunto de crenças, preceitos e valores que compõem artigo de fé de determinado grupo em um contexto histórico e cultural específico, é sempre coletiva. (Dicionário de Conceitos Históricos.2009.p.354).

Desde os primórdios da humanidade, o Homem busca uma explicação transcendental para o que não consegue entender, encontrando na religião um certo conforto para seus medos, inseguranças, expectativas e fragilidades, esta tranquilidade se dá através de ritos, mitos, crenças, dogmas, concepções, presentes nos diversos contextos da educação humana. A religião além de fornecer uma explicação mística a fatos referentes ao ser humano, também estabelece normas e regras quanto à vida em sociedade.

Para sanar essas carências, o homem encontra um certo alento na religião, à qual estabelece uma dependência ou uma relação de dependência. A transcendência advinda da religião é tão marcante que povoa a cultura humana.

Devemos ter a clareza da diferenciação que existe entre religião/religiosidade/religioso. Aqui entende-se por religião como uma relação entre o ser criado e o criador, uma consciência que se dá de forma individual, e de certa forma é inerente ao ser humano, é um processo pessoal.

A institucionalização em ambientes propícios não constitui religião e sim um sistema religioso. Sistema este que apresenta elementos que expressam a religião, sendo fontes desta, podem ou não gerar religiosidade. Os sistemas religiosos apregoam a transformação e salvação do ser humano, e a humanidade busca a consciência individual do ser, através destes sistemas, os quais em alguns aspectos auxiliam o despertar desta consciência. Então compreende-se que, ser religioso, é fruto de um sistema religioso.

Alguns religiosos, devido à sua crença ferrenha no sistema religioso ao qual estão inseridos, acabam tornando-se intolerantes, pois sua crença está tão arraigada em princípios tidos como verdades inquestionáveis, que torna incompreensível para estes o real processo da religião. Qualquer um que não tenha ideias similares às destes, é tratado de forma intolerante, e muitas vezes violenta, na tentativa de impor suas crenças. As práticas religiosas advindas do sistema ao qual estão submetidas impulsionam ou atrasam seus membros conforme as mudanças que proporcionam.

O objetivo principal das práticas religiosas seria o despertar a compreensão sobre a existência humana, mas muitas vezes esse objetivo acaba sendo deturpado, derivando daí o fanatismo, o ateísmo e a heresia. Em sua grande maioria cada grupo que segue um sistema religioso deseja a extinção do outro, através da conversão à sua crença ou pelo extermínio em nome de Deus.

A religiosidade em sua totalidade agrega valores, respeita e aproxima os diferentes, busca a superação do sofrimento humano, independentemente de gênero, raça ou credo.

Quando se enaltece uma religião ou crença em detrimento das outras, cria-se a intolerância religiosa, isto ocorreu ao longo da história da humanidade e permanece em nossos dias de maneira global.

Para Silva (2009)

A Intolerância Religiosa tem sido uma das principais causas de desagregação social e de guerras no mundo. [...] manifesta-se sob as formas de racismo, machismo, homofobia, elitismo, xenofobia [...] pode desdobrar-se em violência física [...] (p.17) [...] a intolerância religiosa vem-se manifestando de forma cada vez mais intensa. São manifestações ostensivas de menosprezo, com ofensas e não raro, atos de violência física, incluindo depredações de templos e agressões a adeptos de crenças diferentes daquelas dos agressores. (p.18)

Grande parte dos movimentos da humanidade, tiveram a religião como impulsora, diversas guerras tiveram legitimação religiosa, sociedades se estruturaram e foram definidas através da religião, grande parte do conhecimento nos âmbitos da ciência, filosofia e artes, foram orientados por grupos religiosos, os quais em grande parte estiveram ligados ao poder político e social. A oratória utilizada por grande parte de sistemas religiosos, além da legitimação religiosa, busca o domínio de seu sistema sob os outros, criando cada vez mais situações intrigantes que enaltecem a intolerância para com os outros sistemas vigentes.

### **O que é Intolerância Religiosa?**

Ao longo do tempo, percebemos que, a intolerância religiosa tem como principal fundamento a busca de poder, impondo seus dogmas, superstições e preconceitos. A intolerância se sustenta de modo racional e irracional. Em nome do bem estar, da segurança o homem concorda racionalmente com a intolerância do Estado contra outros povos e culturas generalizado como um todo, que fere a ordem instituída. Por outro lado, a denominada sociedade civil, cria leis e normas que impedem ou limitam as manifestações de intolerância institucionalizada.

A intolerância está entranhada em nosso ser, introduzida em nossa mente. Ela se manifesta tanto nas grandes questões que envolvem disputa políticas e territoriais, mas também em nossos costumes e na forma como encaramos o diferente.

Segundo Habermas (2007),

[...] a tolerância é um termo que vem do latim *tolerare* que significa suportar, aceitar, estando associado à religião, sendo visto a partir do direito, estabelece, um comportamento de aceitação frente às minorias religiosas. [...] a tolerância possui três componentes: recusa, aceitação e repulsão. [...] a recusa de convicções e práticas, a aceitação de argumentos e a rejeição quando se admite comportamentos de tolerância e de intolerância. [...] tolerar começa quando se elimina o preconceito em relação a uma minoria ou da maioria. (p.282).

Intolerância vem do latim *intolerantia*, característica do que é intolerante ou repugnância. Ausência de tolerância ou falta de compreensão. comportamento - atitude odiosa e agressiva - de caráter político ou religioso, daqueles que possuem diferentes opiniões, incomplacência e intransigência. “[...] é o resultado do conhecimento insuficiente de um assunto. Quem vê de fora uma religião enxerga

suas manifestações e não o que elas significam para o indivíduo que as professa.” GAARDER,HELLERN,NOTAKER (2001.p.14).

Tolerar não é concordar, a pessoa tolerante não aprova o que tolera, apenas suporta sua existência. Para existir a tolerância é necessário razões, motivos para que se aceite algo que não se aprova, ser tolerante não é ser indiferente, é ser complacente com algo que não se aceita baseado em razões mais importantes que esse algo, ou seja quando as razões para rejeitar algo são menores do que as razões para aceita-lo temos uma atitude tolerante.

Quando as razões para rejeitar são mais fortes do que as razões para aceitar, significa que o mesmo não deve ser tolerado, devendo até mesmo ser combatido. Portanto faz-se necessário à distinção entre o que é aceitável tolerar e o que é intolerável. Ao tornar-se intolerável um indivíduo, compreende-se que este não aceita o que deveria tolerar.

A tolerância deve ter limites distintos, o que deve ser aceito, o que deve ser tolerado, o que merece interferência e quais são as interferências adequadas, para que se evite cometer atos os quais se quer combater. Parafraseando Marcuse (1969) A sociedade não pode se eximir quando está em risco a existência, a liberdade e a felicidade, não podemos transformar a tolerância num instrumento de servidão. A intolerância historicamente retardou o progresso, prorrogou o massacre e a tortura de inocentes durante séculos. Para que ocorra a ruptura desses paradigmas faz-se necessário uma reflexão histórica e contextualizada dos Direitos Humanos.

Muitas foram as lutas pela universalização dos direitos em determinadas épocas, o que se deve ter coerência ao analisar é a mudança que ocorreu ao longo do tempo, pois hoje ao invés de apenas ter em mente a igualdade de direitos, o que se quer preservar é a diferença na igualdade.

Candau (2008) questiona a importância dos direitos humanos na atualidade, assinalando alguns aspectos importantes:

O primeiro diz respeito à ambivalência em relação à afirmação e, ao mesmo tempo, à negação dos direitos. Por um lado, tanto no plano internacional quanto no plano nacional, existe um discurso reiterativo que afirma fortemente a importância dos direitos humanos.[...]é possível identificar inclusive um retrocesso grande, por exemplo, em relação a direitos que pareciam profundamente assimilados pela humanidade[...]que pareciam plenamente assegurados na mentalidade e nas políticas internacionais assumidas são negados, desprezados e esquecidos.[...]Outro elemento importante da problemática atual dos direitos humanos diz respeito à relação entre indivisibilidade e exigibilidade.[...]Um terceiro elemento da problemática, ao qual já nos referimos e que consideramos que ocupa lugar central, é a tensão entre universal e particular. (p.47)

Segundo Candau (2008 apud SANTOS, 2006, p. 441-447):

[...] para que os direitos humanos possam verdadeiramente ser ressignificados hoje, numa perspectiva que não nega suas raízes, não nega

a história, mas quer trazê-los para a problemática de hoje, eles terão que passar por um processo de reconceitualização[...]supõe algumas premissas[...] 1. A superação do debate entre universalismo e o relativismo cultural.[...]2.Todas as culturas possuem concepções da dignidade humana.[...]3.Todas as culturas são incompletas e problemáticas nas suas concepções de dignidade humana.[...]4.Nenhuma cultura é monolítica.[...]5.Todas as culturas tendem a distribuir as pessoas e os grupos sociais entre dois princípios competitivos de pertença hierárquica: princípio da igualdade e princípio da diferença.

O âmago da questão é a conexão entre igualdade e diferença, e de como trabalhar essa conexão. A inferiorização e a descaracterização entre igualdade e diferença deve ser tratado em âmbito global, pois é o momento atual da sociedade em que vivemos. A divergência do multiculturalismo da sociedade brasileira em relação às sociedades europeias, deve ser tratada dentro de um contexto específico.

A perspectiva intercultural quer promover uma educação para o reconhecimento do outro, o diálogo entre os diferentes grupos socioculturais[...]está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade. (CANDAUI.2008.p.20)

Considerando como uma das alternativas para uma mudança e ruptura nos paradigmas atuais, encontramos o diálogo inter – religioso.

### **O que é diálogo inter – religioso?**

Em uma definição extraída do site (<http://www.casadareconciliacao.com.br/dialogo-inter-religioso/>). é o processo de entendimento mútuo entre diferentes tradições religiosas; uma comunicação e um compartilhar de vida, visão e reflexão por fiéis de religiões diferentes na busca de descobrir, juntos, o trabalho do espírito entre eles; estar disposto a apresentar questões e ser questionado ( 29/05/2014).

A comunicação dialógica entre as esferas públicas, com ênfase para a esfera religiosa, é fundamental como possibilidade de assegurar e manter a cultura brasileira. A tolerância e a aceitação mútua devem ser exercidas em todos os âmbitos da sociedade.

Segundo Teixeira (2003.p.20) “A comunicação dialógica como “fusão de horizontes” é uma das reais possibilidades que se apresentam, hoje como pista alternativa para a humanidade.”

Representantes de vários sistemas religiosos tais como o Papa João Paulo II, o Dalai Lama entre outros, já se manifestaram contrários ao uso da religião como pretexto para a prática da violência, percebe-se assim a urgência de uma discussão em torno do papel das religiões como função social da humanização e superação da violência.

Com o advento da globalização surgem algumas rupturas, fragilizando os sistemas de crença e pertencimento.

Para Teixeira (2003)



[...] não há como escapar do processo permanente de redefinição da identidade, e da reinvenção da tradição [...] Não se trata, porém, de abandonar a tradição, mas de reinterpretá-la criativamente, adequando-a à situação contemporânea. (p.22)

O diálogo inter-religioso deve ser tratado como um dos desafios da humanidade, um processo de reconhecimento das semelhanças nas diferenças.

Um dos maiores obstáculos para que isso aconteça é a disputa entre os sistemas religiosos, que buscam o predomínio sobre os outros, um sentimento de superioridade e auto-suficiência.

Para tanto, faz-se necessário romper com a pseudotolerância existente, e abrir-se para um conhecimento mútuo e recíproco, propondo uma aceitação da diferença, respeitando à liberdade de opinião e escolha, ou seja, parafraseando Teixeira (2008) a decisão que as pessoas tomam de acordo com a sua consciência.

[...] Lutar pela justiça não é uma festa[...]é entrar num conflito que toda a denúncia de injustiças implica. É viver uma tensão e alimentar um período de paz no meio do conflito, sem deixar-se tomar pelo instinto de vingança e farisaísmo (p.57)[...]Não basta argumentar: deve-se entender a história com os critérios do tempo (p.98) (BOFF. 1981)

Segundo Teixeira (2003) para que o diálogo inter-religioso ocorra precisa atender algumas condições:

[...]a) a Humildade[...]disponibilidade de abertura e acolhimento (p.28)  
[...]b) o reconhecimento do valor da alteridade[...]o diálogo deve ser pontuado pela hermenêutica da diferença e não pela lógica da assimilação  
[...]c) a fidelidade a própria tradição[...]fidelidade a si mesmo e ao próprio engajamento de fé (p.29)[...]d) a abertura à verdade[...]a verdade da religião na relação ecumênica das grandes tradições (p.31)[...]e) a compaixão ativa[...]a compaixão diz respeito ao profundo desejo de remediar todas as formas de sofrimento que corroem a humanidade e toda a criação (p.32).

Entre as causas do sofrimento humano atual estão a questão da pobreza, a luta em favor da paz, os intercâmbios teológicos, a preservação dos valores e os direitos humanos, estes temas propiciam a aproximação das religiões como responsabilidade universal.

“A igreja tem consciência de que a liberdade, em seu exercício prático vem limitada pela responsabilidade pessoal e social face aos direitos dos outros, aos deveres para com os outros e ao bem comum” ( BOFF,1981.p.59).

Para Teixeira (2003)

[...]não há como escapar do processo permanente de redefinição da identidade e reinvenção da tradição[...]Não se trata porém de abandonar a tradição, mas de interpretá-la criativamente, adequando a situação contemporânea (p.22).

Parafraseando Boff (1981), todos os sistemas teológicos são importantes e cada um têm contribuições positivas com problemas e desafios comuns dentro de seus universos distintos. As religiões são produtos culturais produzidos pela ação do homem, movido pela sua relação com Deus, sua crença, sua fé.

A fé não aliena do mundo, ela fomenta a esperança, o amor, a fraternidade, ela cria o compromisso com o destino da sociedade.

“A fé poética dá corpo às sombras, dá-lhes um semblante de verdade, nos faz sofrer por nada, por Hécuba. A fé histórica[...]nos permite superar a incredulidade alimentada pelas objeções recorrentes do ceticismo” (GINZBURG. 2006.p.93)

Como nos relata Wolff (1970) se o ser humano aceitar que o pluralismo de religiões, raças, estilos de vida são úteis a sociedade, as consequências da diversidade serão preservadas sem discriminação e/ou preconceito.

Wolff (1970) apud John Stuart Mill (1850):

[...] o domínio íntimo da consciência, a exigir liberdade de consciência no sentido mais amplo possível, liberdade de pensar e sentir, absoluta liberdade de opinião e sentimentos sobre todos os assuntos, práticos ou especulativos, morais ou teológicos[...] requer liberdade de gosto e atividades, de elaborar um plano de vida que se ajuste ao nosso caráter, de agir como quisermos, sujeitos às consequências que poderão advir, sem impedimento de nossos concidadãos, enquanto aquilo que fizermos não os prejudicar, ainda que eles considerem a nossa conduta como tola, perversa ou errada[...] dessa liberdade de cada indivíduo deriva a liberdade dentro dos mesmos limites da combinação entre indivíduos, liberdade de unir-se para qualquer fim que não acarrete dano aos demais[...] consiste na disposição de respeitar a inviolabilidade de esfera privada da existência individual (p.32).

O diálogo inter-religioso deve promover uma abordagem sociológica, psicossocial, ideológica, além da fundamental teológica, mantendo a desigualdade e criando uma paridade aproximada entre os grupos, ou seja, um eixo comum para a compreensão mútua, um meio de transformar toda a sociedade em um grupo integrado na busca coletiva do bem comum.

Com base nesses três itens discutidos, pretendeu-se, portanto, auxiliar na construção de uma consciência histórica mais esclarecida e tolerante sobre a questão do pensamento religioso. Parafraseando Rüsen (2001,p.58) a consciência histórica é um conjunto de pensamentos com os quais o ser humano, busca a compreensão de si próprio no conduzir da sua existência no tempo, expressada através da narrativa histórica.

[...] constitui-se mediante a operação, genérica e elementar da vida prática, do narrar, com o qual os homens orientam seu agir e sofrer no tempo. Mediante a narrativa histórica, são formuladas representações da continuidade da evolução temporal dos homens e de seu mundo[...] A narrativa histórica torna-se presente o passado, sempre em uma consciência de tempo na qual o passado, presente e futuro formam uma unidade integrada, mediante a qual, justamente, constitui-se a consciência histórica(RÜSEN, 2001,p.57-67).

Esse conjunto de parâmetros conceituais possibilitou aos alunos, uma maior compreensão da dimensão religiosa que nos cerca, auxiliando - os na construção da identidade e da cultura relacional entre as pessoas e povos neste mundo pluralista, sob um prisma de tolerância e diálogo.

Ainda, segundo Rüsen

[...]vale lembrar que os processos de aprendizado histórico não ocorrem apenas no ensino de história, mas nos mais diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes, nos quais a consciência histórica desempenha um papel. Abre-se assim o objeto do pensamento histórico para o vasto campo da consciência histórica [...] (p.91) [...] O potencial do sentido de tradição opera, nessas histórias, como transcendência das circunstâncias da vida em que, culturalmente, as tradições estão inseridas. (2007, p.150)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade pressupõe a diferença histórica, étnica, linguística, cultural e religiosa. Em nenhuma época histórica existiu apenas uma religião em todo o mundo, a imposição de uma religião oficial, estigmatizou as civilizações ao longo da história, e continua presente em nossos dias.

O que nos instiga é entender qual o papel das crenças religiosas na construção intrínseca das sociedades contemporâneas. Dia a dia novas religiões surgem, e divulgam seus dogmas através da mídia, tv, rádio, jornal, internet; são integrantes de bancadas políticas, utilizam da fé para impor suas ideias, e cada vez mais arregimentam novos adeptos.

Criam um “mercado da fé” com a venda de: imagens, fitas, terços, objetos sagrados, anéis, camisas, cds, brinquedos, adesivos, sabonetes, água purificadora ou santificada, óleos sagrados, etc. Essa mercantilização de artigos da fé, existe há muito tempo, mas recentemente vem desenvolvendo a ideia de que esses objetos contém poderes milagrosos. O mercado religioso não difere do cultural, pois a fé não se sustenta apenas com promessas, ela gera negócios.

De maneira geral, as religiões se fortalecem em momentos de crise, porque as pessoas são atraídas pela ideia de que a religião dá segurança e resposta aos problemas que não se encontram soluções imediatas.

A tolerância surge, quando as religiões percebem que não conseguem obter adeptos pela imposição, e já esgotaram suas tentativas de convencimento a conversão. Para existir a tolerância é fundamental a diversidade, a convivência com as diferenças permite um enriquecimento pessoal e cultural ao ser humano.

Devemos ter em mente, que quando líderes ou seguidores religiosos promovem o ódio e a discriminação, estão pregando o fundamentalismo, independente da religião a que pertençam, lutando contra seus supostos inimigos em nome de Deus. O que infelizmente vem acontecendo nos últimos dias como no caso do ataque terrorista à França.

No contexto atual, o diálogo inter-religioso torna-se primordial, numa perspectiva de tolerância e respeito, reconhecendo a diversidade como elemento fundamental para a propagação da paz e do progresso humano.

Percebemos que para que isso ocorra, há um longo caminho a ser percorrido seja no meio educacional ou social em que estamos inseridos.

## REFERÊNCIAS

BAIGENT, Michel; LEIGH, Richard. **A Inquisição**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

BOFF, Leonardo. **Igreja : Carisma e Poder: Ensaio de Eclesiologia Militante**. 3. ed. Petrópolis- Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1981. 249 p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9394/96.** Brasília, 1996.

BRASIL. Câmara dos Deputados (Ed.). **Constituição da República Federativa do Brasil - 1988.** 35. ed. Brasília: Edições Câmara, 2012. 446 p.

BRUM, Luíza Ribeiro. O Conceito de Tolerância: A visão de Habermas. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 1., 2011, Curitiba. I **Seminário Internacional de Representações sociais, subjetividade e educação-SIRSSE.** Curitiba: Puc -pr, 2011. p. 9405 - 9415.

CANDAU, Vera Maria. Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p.45-56, abr. 2008.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: Verdadeiro, falso, fictício.** São Paulo- Sp: Editora Shwarcz Ltda, 2006. 454 p. Tradução Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão.

GREEN, Toby. **Inquisição: O Reinado do Medo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 463 p. Cristina Cavalcanti.  
Brasil. Câmara dos Deputados (Ed.). **Constituição da República Federativa do Brasil - 1988.** 35. ed. Brasília: Edições Câmara, 2012. 446 p.

\_\_\_\_\_. Tolerância. In: HARBERMAS, Jürgen. **Entre o naturalismo e religião.** Estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007. SCHAPER, Valério Guilherme. Emblemas da intolerância: Jean Calas, Jean Charles

HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. **O Livro das Religiões.** São Paulo: Schwarcz Ltda, 2001. Isa Mara Lando. 331p.

LOYN, Henry R (Org.). **Dicionário da Idade Média.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. 859 p. Álvaro Cabral.

MEZZOMO, Frank Antonio. Nós e os outros: proselitismo e Intolerância religiosa nas Igrejas Neopentecostais. **Revista de História e Estudos Culturais**, Bahia, v. 5, n. 1, p.01-25, mar. 2008.

NOVINSKY, Anita Waingort. **A Inquisição.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. 125 p.

OS GRANDES Julgamentos da História: **Templários e Calas.** Rio de Janeiro: Otto Pierre, Editores, Ltda, 1978. 319 p.

OS PENSADORES: **Voltaire e Diderot.** São Paulo: Abril S.A., 1973. Marilena de Souza Chauí Berlink. 496p.

PARANÁ, Secretaria de Estado de Educação do. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: História.** Paraná: Secretaria do Estado do Paraná, 2008. 93 p.

PARANÁ, Secretaria de Estado de Educação do. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Ensino Religioso**. Paraná: Secretaria do Estado do Paraná, 2008. 93 p.

PIRES, Álvaro Roberto. **O fenômeno da Intolerância religiosa - produtor de novas identidades sociais no interior da religião afro-brasileira**. 2009. Disponível em: <[http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/O\\_fenomeno\\_da\\_intolerancia\\_religiosa.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/O_fenomeno_da_intolerancia_religiosa.pdf)>. Acesso em: 06 abr. 2014.

RÜSEN, J. **Razão Histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. **História Viva – Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2007.

SANZONE, Lívio; FURTADO, Claudio Alves (Org.). **Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: Edufba, 2014. 494p.

SILVA, Jorge da. **Guia de Luta contra a Intolerância Religiosa e o Racismo**. Rio de Janeiro: Ceap, 2009.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. 440 p.

TEIXEIRA, Faustino. **O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio**. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/artic le/viewFile/596/623>>. Acesso em: 6 abr. 2014

WOLFF, Robert Paul; MOORE JUNIOR, Barrington; MARCUSE, Herbert. **Crítica da Tolerância Pura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970. 126 p. Tradução de Ruy jungmann.

WOODS JUNIOR, Thomas E.. **Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008. Élcio Carillo.